



GT 23. Ciganos em uma perspectiva antropológica

Coordenador(es):

Mirian Alves de Souza (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1

Debatedor/a: Mercia Rejane Rangel Batista (UFCG - Universidade Federal de Campina Grande)

Sessão 2

Debatedor/a: Felipe Berocan Veiga (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A reflexão sobre o tema dos ciganos tem congregado pesquisadores envolvidos com os grupos ciganos no Brasil e exterior. Iniciamos discussões no âmbito local e mantivemos a temática na forma de GTs, nas Reuniões de Antropólogos do Norte-Nordeste, nas Reuniões Brasileiras de Antropologia e no Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences. Deste modo, objetivamos dar continuidade aos debates, e ao mesmo tempo discutir a produção etnográfica sobre grupos ciganos. Analisando os processos de construções identitárias; propondo uma reflexão sobre a (in)visibilidade desses sujeitos em diferentes cenários políticos; problematizando como os projetos políticos das organizações ciganas são moldados por diversas imaginações étnicas e nacionalistas; e indagando o papel da produção antropológica na mediação entre os sujeitos estudados e as esferas públicas, o GT pretende fomentar um campo de interlocução em uma perspectiva antropológica e etnográfica, especialmente no Brasil. Para esta edição, as coordenadoras e debatedores propõem apresentar um balanço do campo de estudos nos últimos anos, focalizando a produção acadêmica que passou pelas edições do GT, e que foram elaboradas em diálogo e no âmbito de diferentes programas de pós-graduação na área de antropologia e das ciências sociais, núcleos de pesquisa, laboratório e redes científicas, associações ciganas, organizações não governamentais, e diferentes esferas do estado e da sociedade.

?Porque você é moradora e eu cigano?: uma reflexão sobre a relação entre ciganos e etnógrafo em São João do Paraíso (MA)

Autoria: Janeide da Silva Cavalcante (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

O presente work discute a relação entre os sujeitos da pesquisa, etnógrafo e nativo, problematizando, como é fundamental desenvolver uma relação de confiança para o bom andamento e continuidade da investigação. A discussão desta relação entre os sujeitos demarca uma problematização metodológica necessária no campo etnográfico e tal relação pode se apresentar como criativa, já que os nativos podem definir sua cultura contrapondo à do pesquisador. Dessa forma, um dos maiores desafios na pesquisa com ciganos é a desconfiança que eles têm dos jurons, resultado das perseguições e preconceitos que já sofreram pela população local do lugar no qual se instalam. Assim, este artigo busca discorrer sobre a relação entre ciganos e pesquisador, debatendo acerca da aceitação e da relação entre estes para a definição enquanto ciganos, que se contrapõe a cultura do pesquisador. Pontuando também a presença cigana no sul do maranhão, e como estes se apresentam neste espaço, em que se consideram grandes contribuidores na construção e expansão da cidade. Tendo eles agora assumido uma condição de moradores, mas apontam a pertença étnica para diferenciação com a população local, dessa forma busco mostrar a organização social destes na cidade. Este work é parte de uma pesquisa de campo com os ciganos em São João do Paraíso (MA), utilizando a observação direta, entrevistas e conversas informais para obtenção dos dados. Dentro desse contexto,



pode-se destacar como a desconfiança algumas vezes marca a entrada no campo, e que uma relação de aproximação entre os sujeitos pode ser fundamental para desenvolver uma relação com o grupo pesquisado. Por fim, trago como estes neste espaço se apresentam e se organizam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: